
Ver juntos e fabular com os arquivos: a criação de constelações-imagens a partir do projeto fotográfico “Retratistas do Morro”¹

Mariana Falcão Duarte²
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho deseja criar um espaço de jogo entre as imagens do projeto fotográfico “Retratistas do Morro” e os moradores do Aglomerado da Serra a partir de três gestos operativos: “das imagens”, “entre imagens” e “com as imagens”, buscando tornar possível explorar novas formas de se organizar o comum. Através da análise das contribuições teóricas de Saidiya Hartman, Jacques Rancière e Marie José Mondzain, pretendo analisar as operações imageantes produzidas nestes gestos, buscando identificar a potência das operações que promovem a liberdade de uma imaginação radical, capaz de construir uma zona de hospitalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Fabulação; Arquivos; Vulnerabilidades.

Em 2015 o artista visual Guilherme Cunha iniciou uma pesquisa cuja intenção era localizar arquivos fotográficos de moradores de vilas e favelas de Belo Horizonte. Através de uma busca no acervo fotográfico de moradores do Aglomerado da Serra, ele identificou dois fotógrafos e ex-residentes do Aglomerado, João Mendes e Afonso Pimenta, como os maiores responsáveis pelos registros fotográficos das famílias da região durante as décadas de 1960 a 1990. Através de uma busca no acervo de imagens ainda em posse dos fotógrafos foram levantados mais 250.000 fotogramas, entre negativos P&B de médio formato (6×6) negativos coloridos 35mm, monóculos e negativos de ½ 35mm, o que corresponde atualmente ao maior acervo de imagens de vilas e favelas já identificado e catalogado no Brasil. As fotografias revelam parte significativa da história da região contada a partir das experiências e das visões de mundo de seus próprios moradores, se configurando como um dos mais ricos registros dos modos de vida de uma parcela em situação de vulnerabilidade da cidade de Belo Horizonte. Ao serem identificadas, selecionadas e restauradas, passaram a integrar o projeto fotográfico

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pelo Ppgcom da UFMG, 2º ano. Email: melfalcao@gmail.com

“Retratistas do Morro”, um projeto que dá a ver o cotidiano daqueles que residiram no Aglomerado da Serra e que retrata a vida dos moradores em suas casas, quintais, comércios, igrejas, centros de cultura e lazer, dando a ver desde cenas singelas do cotidiano, até aniversários infantis, formaturas e festas de casamento.

As imagens do projeto são fragmentos importantes do arquivo da cidade, pois erguem o rosto de uma parcela da população negligenciada pelo poder público e pelas forças hegemônicas. Ao analisarmos os registros dos moradores nos cenários do Aglomerado, percebemos que estas fotografias provocam uma fratura e um estranhamento quando colocadas em relação com outras imagens de controle, amplamente divulgadas pelas mídias, e que refundam, a cada representação, o lugar da vulnerabilidade da população do Aglomerado. Ao lado das imagens que reduzem este grupo a uma marginalidade sem saída e que segregam a cidade, é possível posicionar outras visibilidades, que dignificam aqueles que são dados a ver através das imagens e que, ao operarem, possibilitam que aquelas pessoas componham outros enquadramentos, ampliando as formas do aparecer destes sujeitos.

Mas como possibilitar que, a partir da análise das imagens do projeto Retratistas do Morro, as fotografias do Aglomerado da Serra ao serem selecionadas, analisadas e reagrupadas por seus moradores atuais, sejam capazes de provocar rupturas, criando um espaço de hospitalidade e permitindo que seus analistas as ressignifiquem, independente de um conhecimento prévio sobre os contextos de origem das imagens ou sobre aqueles que são dados a ver nas fotografias?

Michael Pollak³ refere-se às memórias dos grupos marginalizados como uma modalidade denominada memórias subterrâneas, que se referem às memórias das minorias políticas, dos segmentos mais pobres, dos movimentos sociais e de outras instâncias que se situam fora do núcleo hegemônico. Quando abertas as vias capazes de compartilhar essas memórias, elas tendem a vir à tona com muita intensidade “rompendo a ordem vigente e trazendo mudanças e consequências incalculáveis” (RIOS, 2013, p.12). Para além de um resgate cultural da memória, há uma certa vibração do presente quando ele opera no passado, que reativa, reinventa, atualiza e presentifica essa memória cultural. Considerando que algumas imagens do projeto fotográfico foram registradas há mais de cinquenta anos e que o território do Aglomerado se modificou sensivelmente, tendo

³ RIOS, 2013

alguns dos retratados inclusive já falecido, a intenção aqui é buscar tornar possível a criação de um território, um espaço de jogo, a abertura de um campo de possibilidades de experiência⁴, para que as instâncias de operações das imagens possa se desenvolver, possibilitando que o que é visível, feito e dito encontre espaço para ser e, assim, novas relações sejam tecidas.

Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos buscando ampliar as formas de analisar e se relacionar com as imagens, explorando diferentes reflexões sobre a produção imagética, a fruição das imagens produzidas por dispositivos técnicos e as mediações através das quais as imagens inauguram experiências subjetivas, políticas e estéticas. No campo da história e da literatura, o trabalho de Saidiya Hartman tem ganhado grande visibilidade por articular uma nova forma de se relacionar com os arquivos, incluindo os fotográficos. Em “Vidas rebeldes, belos experimentos”, Saidiya apurou em arquivos, registros, pesquisas, transcrições de julgamentos, relatórios de delegacias, fotografias de guetos, além de inúmeras outras fontes, informações sobre jovens mulheres negras durante a virada do século XX. Na tentativa de recriar suas experiências, Saidiya narra através de imagens, informações coletadas e fabulações críticas as práticas rebeldes dessas mulheres, driblando os limites das informações levantadas em arquivos através da criação de narrativas íntimas e aproveitando as lacunas historiográficas para traçar uma crítica contundente a forma que essas mulheres aparecem nos documentos.

Jacques Rancière é um autor cuja contribuição se alinha ao movimento que Saidiya pratica ao utilizar o método da fabulação crítica. Rancière defende o ato ficcional como uma ruptura capaz de trazer à tona o espaço da verdadeira vida que, por sua vez, é a negação radical da vida, aquela vida ordinária, que já existe e que se reproduz incessantemente, semelhante a si mesmo, ordenada pelo tempo contínuo e pelo capital. O autor nos convoca a adentrar no espaço da ficção, um território cuja existência se despoja de todos os atributos da vida normal a fim de habitar o lugar puro, cujo tempo é feito de instantes, mas onde é necessária uma extravagância radical capaz de fazê-la aparecer. Esta extravagância, ou radicalidade se faz a partir de uma ação criativa, capaz de promover uma fratura na ordem natural das coisas.

A filósofa Marie José Mondzain também argumenta a favor de uma outra radicalidade, uma ação cuja energia política é capaz de traçar novas cartografias,

⁴ CONCEIÇÃO, 2017

imprevisíveis, onde os sujeitos se tornam capazes de explorar a singularidade de suas vidas cotidianas. Mondzain cria uma fundamentação que se alinha aos conceitos de dissenso e ficção na obra de Ranciére, definindo a zona como um espaço cuja indeterminação oferece o campo imaginário de todos os possíveis, onde ocorre o devir sensível e visível do que ela chama de mundo inteligível, que adentra o real a partir de um movimento, uma radicalidade. Para a autora, as imagens trazem em si a possibilidade de criar diferentes realidades, que se alteram a partir da visão de cada um. Aqueles sujeitos que se atrevem e recusam a domesticação através das imagens, que não se deixam confiscar pelo consenso do imaginário coletivo capitalista, colocam em prática a liberdade de uma imaginação radical através das operações imageantes, construindo juntos um espaço do comum, uma zona de hospitalidade e criação, onde as diferenças e dissensos tornam possível a criação de uma unidade e a partilha deste comum.

Para desenvolver um território de jogo entre sujeitos e imagens, pretendo analisar as interações dos moradores atuais do Aglomerado da Serra com as fotografias do projeto “Retratistas do Morro” a partir de três gestos operativos: de análise do regime representativo das imagens do projeto; de análise na construção de montagens e enquadramentos entre as imagens de arquivo do projeto “Retratistas do Morro” e outras imagens de arquivos pessoais de moradores do Aglomerado da Serra; de análise dos gestos fabulatórios dos moradores do Aglomerado com as fotografias do projeto a partir de intervalos que possibilitem uma ruptura radical, um gesto criativo capaz de ativar o imaginário para reorganizar o tempo, o espaço e o aparecer dos sujeitos através de narrativas que colocam em relação e que produzem um comum a partir da abertura de uma zona de hospitalidade.

A operacionalização desta ruptura radical dará origem a uma zona onde a imaginação política vai se desdobrar nas *operações imageantes*. Estas operações criam espaços e tempos, constituindo outras figuras de comunidade, que deslocam as já existentes na ordem estabelecida do mundo (GUIMARÃES, 2010, p.82). Juntas, fala e imagem são capazes de perturbar as evidências até então compartilhadas acerca do Aglomerado da Serra. É como validar novas visibilidades, reconfigurando os fatos, instaurando o dissenso e alterando os elos entre os sujeitos e os mundos que habitam, provocando a ruptura de uma paisagem homogêneas de concordância geral (MARQUES, 2014, p.66), instaurada através da divulgação da memória coletiva e das imagens de controle acerca do Aglomerado. É necessário que as palavras fabuladas participem dessa

mediação juntamente com as fotografias, pois a fala torna possível promover a partilha de uma crença individual e será apenas no campo da palavra que a profundidade poderá ser alcançada. Mais do que a classificação social ou econômica dos fotografados, o que interessa de fato aqui são as formas de vida "na qual todos os modos, os atos e os processos do viver não são nunca simplesmente fatos, mas sempre e antes de tudo, possibilidades de vida ou potências" (GUIMARÃES, 2010, p.11).

Através destes três gestos metodológicos, este trabalho busca propor uma restituição das imagens aos moradores do Aglomerado da Serra através da criação de uma zona de radicalidade e hospitalidade. Ainda que os analistas não sejam os mesmos sujeitos retratados nas fotografias do projeto “Retratistas do Morro”, a dinâmica proposta busca tornar possível um engajamento no presente da comunidade, possibilitando que os moradores atuais criem um ato de elaboração e reelaboração da sua própria história. É no processo de restituição que se torna possível que fios de continuidade entre a vida que passou e as novas vidas que ali estão se estabeleçam, ressignificando as imagens de arquivo deste projeto fotográfico e mantendo-as viva no presente da comunidade do Aglomerado da Serra.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Nélío. **Jogo, espaço de manobra e inervação em Walter Benjamin**. Conceitos Estéticos | Conceptos Estéticos. Lisboa. 2017

CUNHA, Guilherme. Site Retratistas do Morro. 2015.
< <https://www.retratistasdomorro.guilhermecunha.art.br/> > Acesso em 03/08/2022

GUIMARÃES, César. Comum, ordinário, popular: figuras da alteridade no documentário brasileiro contemporâneo. In: MIGLIORIN, Cezar (Org.). Ensaio no real. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010. p. 181-197.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. Tradução Floresta – São Paulo: Fósforo, 2022

MARQUES, Ângela. **Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso**. Artigo: discursos fotográficos, Londrina, v.10, n.17, p.61-86, jul./dez. 2014

MONDZAIN, Marie-José. **Confiscação das palavras, das imagens e do tempo: por uma outra radicalidade**. Traduzido por Pedro Corgozinho. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed 34, 2009

RANCIÉRE, Jacques. **O trabalho das imagens: Conversações com Andrea Soto Calderón.** Tradução de Ângela Marques. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.

RIOS, Fábio. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michel Pollak e Beatriz Sarlo.** In: Revistas Intratextos, 2013, vol 5, nº1, p. 1-22.